

TATTVA BODHA

(Conhecimento da Verdade)

Introdução

Vedanta refere-se aos textos no final de cada Veda, cujo sujeito é o conhecimento do Ser. Quando você adquire o conhecimento do Ser, você não tem mais dúvida a respeito da natureza da realidade.

Todos desejam ser livres da limitação, e é apenas através do entendimento de que o indivíduo é o Ser, que esse desejo pode ser realizado.

Os mantras que compõem os Upanishads são enigmáticos e portanto precisam ser explicados. Muito tempo atrás, um grande sábio, Badarayana comentou sobre eles e seus comentários também são considerados material de origem. Ainda que não exista a necessidade de material de origem adicional, pessoas continuam a tomar consciência da Verdade e se sentem inclinadas a falar sobre isso. Palavras que surgem mais tarde, não podem ser legitimadas, a menos que não contradigam a premissa fundamental dos Upanishads. Qual é a premissa? De que esta é uma realidade não dualista e portanto, somente o Ser existe. No século oito, surgiu a ligação mais importante e “moderna” na tradição Vedica, Sri Adi Shancaracharya, que escreveu muitos textos importantes sobre o Ser. Ele não se desviou das ideias dos Upanishads, mas as apresentou com uma clareza excepcional. Tattva Bodha foi escrito por Shankaracharya e é considerado o texto introdutório definitivo para o estudo do Ser.

Por que deve-se confiar nos ensinamentos do Vedanta? Porque eles não são a filosofia de um indivíduo, nem são as alegações de uma religião específica ou uma escola de pensamento filosófica. Apesar de terem surgido na Índia, não há nada “indiano” a respeito deles. Eles são Verdade revelada. Verdade revelada por definição não tem autoria de pessoas nem pertence a nenhuma religião em particular. Ela vem diretamente do Ser. Durante a revelação, os preconceitos individuais e visões pessoais são suspensos, porque a pessoa está “extática”... fora do pequeno ser. Mesmo nesse caso, as palavras que são usadas para transmitir o senso de verdade, devem ser verificadas por muitos outros por um longo período de tempo, antes que possam ser aceitos.

A Verdade revelada normalmente necessita de revelações adicionais, porque as pessoas que a ouvem tendem a interpretá-la de acordo com seus gostos pessoais. A noção de que existe uma “minha verdade” e uma “sua verdade” não é endossada no mundo do Vedanta. O Ser é um e o conhecimento dele só pode ser um. É possível simplesmente ler esses textos e sair iluminado? Pode ser possível, mas é improvável porque a Verdade, como todo resto, é apenas tão boa quanto for o seu entendimento dela. Portanto a tradição de ensinamento do Vedanta evoluiu. Ela requer uma mente madura e qualificada buscando conhecer e um professor estabelecido no não-dualismo que possa manejar de maneira habilidosa os meios de conhecimento. É esperado que,

se o seu estudo do Tattva Bodha vier a despertar um desejo de realizar o Ser, você vai abordar alguém estabelecido no não-dualismo e solicitar o ensinamento.

Desejo

Necessidades físicas e biológicas são naturais; elas estão integradas ao corpo e são compartilhadas por todos os membros da espécie humana. Outras necessidades, no entanto, são cultivadas baseadas em ideias predeterminadas que surgem da experiência. A tendência de um cão de ir em direção à um homem carregando um osso é um instinto cultivado. Ele foi previamente alimentado à mão e se lembra de que a experiência de mastigar um osso é atrativa. Se seu dono aparecer segurando um pau, ele corre, tendo desenvolvido uma aversão à apanhar, baseada nas experiências passadas.

Além das escolhas instintivas, que compartilhamos com os animais, os humanos tem a habilidade de pensar. Isso permite que eles escolham conscientemente entre duas alternativas: bem e mal, prazer e dor, certo e errado, etc.. A habilidade de discriminar faz com que outro poderoso fator psíquico seja possível: o desejo de buscar o aperfeiçoamento e a melhoria.

Seres humanos são um trabalho em andamento. Eles não são apenas imperfeitos e incompletos mas, ao contrário dos animais, eles estão conscientes disso. Esse senso inato de incompletude provoca uma forte necessidade de buscar a completude e a totalidade. Essa necessidade por sua vez surge como um desejo de ser melhor ou diferente do que a pessoa é no momento e pode ser tão importante para ela - às vezes mais importante - do que seus instintos e necessidades corporais naturais.

A Ironia do desejo e da Ação

O senso comum de observação demonstra que as tentativas de satisfazer desejos não removem permanentemente os desejos. Ao contrário, quanto mais o indivíduo satisfaz seus desejos, mais desejos surgem. Apesar das noções românticas promovidas pela cultura a respeito de sua atratividade, o desejo é um grande problema para os seres humanos. É um estado mental desconfortável e frequentemente doloroso que continuamente grita para ser removido.

A resposta natural quando alguém sente a cócega do desejo ou a aversão ao medo, é fazer alguma coisa. Quando eu busco o objeto do meu desejo, eu acredito que a aquisição do objeto vai remover o desejo e me dar paz mental. E por acaso isso até acontece. Mas infelizmente, o senso de satisfação e alívio sentido é apenas temporário. E para deixar tudo pior, a aquisição do objeto desejado, na verdade reforça o desejo original.

Então ao invés de terminar livre do desejo quando eu ajo - o que era a minha intenção - em última análise eu termino com mais desejo. Outra maneira de formular esse problema é dizer que seres humanos são motivados continuamente a remover um senso de limitação inato, mas antinatural.

Portanto eles se esforçam para se sentirem ilimitados e livres. Por exemplo, quem não se sente limitado por falta de dinheiro, tempo, poder ou amor?

As milhares de coisas oferecidas pela cultura prometem de alguma forma remover o senso percebido de limitação e falta. Mas mesmo que vejamos o problema como uma procura por completude ou uma busca por uma falta de limites, por que - apesar da disponibilidade imediata de objetos materiais, programas de auto aperfeiçoamento e terapias tanto religiosas quanto laicas - todas as tentativas para nos tornarmos puros e perfeitos, ilimitados e completos, falham?

Causa e Efeito

O desejo de ser completo só pode ser satisfeito se for possível alcançar a completude. Infelizmente, a completude não pode ser alcançada, por causa da lei de causa e efeito. Completude/não limitação/perfeição só poderiam ser alcançadas se fosse possível fazer um esforço que trouxesse um resultado ilimitado. Mas ações, que são sempre desempenhadas por entidades finitas, produzem apenas resultados limitados. Mesmo a soma de dezenas de milhares de ações limitadas não se equipara à não limitação. Milhardários se tornam milionários e milionários se tornam bilionários e bilionários empenham-se ainda mais. Tristemente, um indivíduo está tão longe da riqueza com um dólar quanto com um trilhão. No caso do estado de êxtase ilimitado, dez mil momentos de satisfação emocional são exatamente o mesmo que um momento. Mesmo na esfera do conhecimento, quanto mais alguém sabe, mais se torna consciente do que é desconhecido. Apesar de seu grande conhecimento matemático, Einstein era ignorante de muitas outras coisas.

O que fazer? Compreendendo as limitações da ação, alguns concluem que o caminho para a completude é afrouxar, desistir e não fazer nada. Mas é impossível não agir. Mesmo não fazer certas atividades produz consequências. Por exemplo: eu não pago os meus impostos e termino encarcerado. Se eu não escovo meus dentes, eles apodrecem e caem. Além disso, como todas as atividades movidas pelo desejo, não fazer não reduz o desejo, portanto uma pessoa que não está perseguindo seus desejos é tão desconectada emocionalmente quanto alguém que está. Ao mesmo tempo, a observação simples conduz à conclusão de que, apesar de todas as aparências, essa é uma criação intencional e as coisas aqui seguem certas leis bem conhecidas. Tudo o que fazemos depende desse fato. Se um dia a água decidisse ficar seca e o gelo quente, todo o cosmos pararia de funcionar. Já que o desejo de ser completo e inteiro, como outros desejos, ocorre numa criação intencional, ele deve servir a um propósito. Se isso é verdade então existe uma maneira de satisfazer a esse desejo. Vedanta é essa maneira. Mas realiza nossa plenitude de forma inesperada.

Conclusão do que já é Realizado

Cada ato é executado para alcançar algo. Três fatores estão envolvidos no

processo: o que você quer que seja alcançado, os meios empregados para alcançar isso e a pessoa que deseja a conclusão. Através de esforços oportunos e adequados, qualquer coisa que não tenha sido alcançada pode ser alcançada. No entanto, nenhum esforço ou ação são requeridos para alcançar aquilo que já foi alcançado. Certo dia um homem pediu a Deus para dar a ele uma cabeça sobre os seus ombros, e o Senhor ficou desconcertado. “Eu posso ser onipotente, mas não posso satisfazer o seu pedido.” Ele disse, “Eu posso te dar uma cabeça maior, uma cabeça menor. Eu posso torcer sua cabeça como um *pretzel*, ou achatá-la como uma pizza, mas eu não posso te dar uma cabeça sobre os seus ombros.” “Por que não?” o homem perguntou. “Porque, tolinho, você já tem uma cabeça sobre os seus ombros.”

Completude-perfeição-sem limites-liberdade entram na categoria do “Já realizado” e nenhuma ação ou esforço são requeridos para alcançá-los.

VEDANTA

O Décimo Homem

Um grupo de dez homens estava fazendo uma viagem pelo país. Eles chegaram a uma parte rasa do rio que precisava ser atravessada a pé. Para se certificar de que estavam todos presentes e contabilizados para depois de cruzarem, o líder os alinhou e contou... mas a conta revelava apenas nove. Eles ficaram agoniados e procuraram por toda parte pela pessoa desaparecida. Quando todos os seus esforços não produziram o décimo homem, eles caíram em uma profunda depressão. Nesse momento, um senhor se aproximou e vendo a sua aflição perguntou qual era o motivo. O líder explicou a situação e o velho sorriu. “Se alinhe com os outros,” ele disse ao líder. Então o senhor contou. “... Oito, nove, dez!” ele disse apontando para o líder... que havia esquecido de incluir a si mesmo.

Nenhuma ação produziu a pessoa desaparecida. Ela foi produzida no momento em que o líder percebeu que esqueceu de incluir a si mesmo na conta. Na verdade, ele estava apenas procurando por si mesmo... todo o tempo pensando que estava procurando por outra pessoa. Vedanta diz: liberdade-perfeição-completude-sem limites já estão realizados. E declara sem equívocos (e epifanias confirmam) que nós somos inteiros e completos por natureza e que nenhuma ação de nossa parte ou de qualquer outro, incluindo Deus, pode nos completar.

O Ensino, o Professor e o Ensino

Se eu acredito que a completude que eu busco vai ser encontrada em outra coisa que não eu mesmo, numa “experiência permanente de iluminação” por exemplo, eu serei incapaz de perceber minha perfeição inata, porque a totalidade e a completude residem apenas no meu Ser, não em uma experiência específica. Portanto, esse fato precisa ser conhecido por mim. Acontece que o conhecimento de que o “Eu” é inteiro e completo tem estado

conosco desde que os seres humanos estão na terra. Os ensinamentos que removem a ignorância do Ser evoluíram a partir de tentativas bem sucedidas de seres Auto Realizados, para revelar isso e compreender a antiga tradição de ensinamento do Vedanta, um meio de conhecimento do Ser. Vedanta também inclui as escrituras de Yoga, que são essenciais para atingir o estado mental apropriado para receber o conhecimento. Um professor de Vedanta é alguém que tomou conhecimento da sua natureza ilimitada e pode habilmente revelar o Ser ao desdobrar o verdadeiro significado dos ensinamentos. Frequentemente acredita-se que uma epifania ou uma transmissão energética de um “mestre espiritual” vão resultar na Realização do Ser, mas isso não é verdade, a não ser nas situações extremamente raras onde o conhecimento “eu sou consciência ilimitada” surge durante a experiência e mantém-se de forma permanente na mente quando a experiência termina, destruindo todos os pensamentos subsequentes de limitação. O assim chamado “mundo espiritual” consiste de um pouco mais de centenas de milhares de pessoas, que desfrutaram da experiência de sentirem-se ilimitados e completos, mas que persistem em ver a si mesmos como criaturas carentes e limitadas. Portanto alguém que busca o conhecimento do Ser precisa estar preparado. A preparação consiste essencialmente em adquirir uma mente imune à atração ao medo e ao desejo, uma mente na qual o Ser possa ser claramente apreendido e que possa reter o conhecimento “Eu sou o Ser.”

Conhecimento

Dois fatores são necessários para obter o conhecimento de um objeto: O objeto em si e um meio válido de conhecimento. Para adquirir o conhecimento de cachorro, um cachorro deve estar presente dentro do escopo da percepção e dos olhos que devem estar funcionando - apoiados pela atenção da mente (porque todo o conhecimento acontece na mente). Se apenas os olhos estiverem funcionando mas a mente não estiver presente, o conhecimento não pode acontecer. Nesse caso, os olhos e a mente são os meios de conhecimento.

Conhecimento é direto ou indireto. O conhecimento de um cachorro conseguido ao olhar para ele, é conhecimento direto. No entanto, se o cachorro não está presente no campo de visão do indivíduo, o conhecimento obtido ao ouvir a sua descrição, é conhecimento indireto. Ainda que o cachorro esteja presente, mas se os olhos não estiverem funcionando, o conhecimento obtido através dos outros sentidos também é indireto. Para o conhecimento direto, um meio válido de conhecimento tem que estar disponível. Por exemplo: ouvidos não são um meio de conhecimento válido para ganhar o conhecimento direto de uma cor ou objeto. Se os meios de conhecimento e o objeto a ser conhecido estiverem presentes, o conhecimento acontece sozinho. Nenhuma ação está envolvida no processo do conhecimento. Apenas o funcionamento dos meios de conhecimento é necessário. A ignorância nos priva de um meio de conhecimento do Ser. Nós podemos ter ouvido falar muito de uma pessoa, sem tê-la visto. Mesmo se por acaso acontecer de estarmos em sua presença, nós não obtemos o

conhecimento de quem ela é, até que alguém nos informe que aquela pessoa que estamos procurando está na nossa frente. Quando isso acontece, o conhecimento ocorre instantaneamente. Nesse caso, as palavras daquele que nos informou constituem os meios de conhecimento.

Apenas o conhecimento direto é completo e livre de erro. O conhecimento obtido através de ler ou ouvir algo sobre um objeto está sujeito ao questionamento, porque a imagem formada na mente depende de nossas impressões passadas e nossas crenças e opiniões. A imagem do mesmo objeto ou descrição de um objeto, formada em diferentes mentes é geralmente diferente.

A maioria de nós é ignorante ao fato de que somos seres completos e perfeitos. Assim como os olhos não podem ver a si mesmos, os órgãos dos sentidos e a mente não podem ver o Ser. Vedanta é um meio direto e imediato de conhecimento do Ser. Ele pode comunicar o conhecimento do Ser porque o Ser está sempre presente. Não está escondido no Coração espiritual ou num estado transcendental, nem está coberto pelo corpo físico. Se você existe, você é o Ser. Portanto você está sempre dentro do escopo da sua percepção. Quando você não experiencia a si mesmo? Que você pense que o mundo que está experienciando é outra coisa que não você, é devido à falta de entendimento. Que você não perceba quem é, é devido a uma crença de que é algo ou alguém que não seja quem você é. Quando essa crença é investigada e subseqüentemente descartada à luz dos ensinamentos do Vedanta, sua sensação de limitação se dissolve... porque o Ser é ilimitado. Portanto se você quer perceber a liberdade dada por Deus, você precisa se expor a um meio válido de conhecimento do Ser.

O Texto

Tattva Bodha foi escrito em Sânscrito no Século Oito por Shankaracharya e significa “conhecimento da verdade.” É um texto introdutório, que delineia os fundamentos do Vedanta. Após explicar as qualificações necessárias para realizar o Ser, ele lida com o relacionamento entre o indivíduo, o mundo e o Ser. Ele explica os termos técnicos que formam a base do Vedanta. Sem compreender o sentido dessas palavras, os meios de conhecimento não vão funcionar.

INVOCAÇÃO

Saudações ao Ser, aquele que confere o conhecimento na forma do meu professor. Este tratado, “O Conhecimento da Verdade” é para o benefício dos buscadores da liberação qualificados.

No começo da maioria dos textos Vedantinos, o indivíduo normalmente encontra um verso que diz qual o propósito do texto, a quem se destina e o benefício que será obtido através do seu entendimento. Nesse caso é dedicado a um buscador qualificado e seu propósito é explicar a natureza da realidade. O benefício a ser obtido é a liberdade do sofrimento existencial. O

professor é alguém que ajuda a remover a ignorância do Ser.

A sociedade moderna é um autêntico supermercado de identidades. Mas todas as suas identidades são baseadas na ignorância da nossa verdadeira identidade. Apesar das identidades limitadas oferecerem a solução de nossos problemas existenciais, elas apenas oferecem alívio limitado. Se eu sou um gay, não posso ser hetero. Se eu sou um homem, não posso ser uma mulher. Se eu sou um Republicano, não posso ser um Democrata. Os ensinamentos do Vedanta revelam uma identidade que engloba todas as identidades e não entra em conflito com nenhuma.

Para compreender nossa verdadeira identidade, o processo de discriminação (viveka) deve ser empregado. O conhecimento do Ser está misturado com a ignorância do Ser. Portanto uma pesquisa discriminativa é necessária. Essa pesquisa apenas produzirá resultados bem-sucedidos se o estudante for qualificado. Uma pessoa qualificada possui as qualidades abaixo.

(1) Discriminação (viveka)

O que se entende por discriminação entre o impermanente e o permanente? É a convicção de que apenas o Ser é permanente e que tudo o que é experienciado é impermanente.

Pessoas atraídas pela auto-investigação frequentemente já tiveram experiências que as convenceram de que existe um algo “espiritual” além daquilo que elas percebem com os sentidos, com as emoções e com a mente. Mas elas estão sempre em dúvida quanto ao que isso seja. O método fundamental para a realização do Ser é a discriminação entre o que é permanente... o Ser... e o que não é... a mente e o mundo. Ainda que essa seja uma realidade não-dualista e tudo que muda seja também o Ser, esse fato é desconhecido para o iniciante. Mesmo que ele fosse conhecido intelectualmente, ele ou ela teria que passar pelo longo e por vezes difícil processo introspectivo de separar o “Eu” - o Ser - de todas as suas formas mutantes.

(2) Não apego (viragya)

O não apego é a ausência do desejo pela apreciação dos frutos das ações de um indivíduo nesse mundo.

Essa qualificação basicamente exclui noventa e nove vírgula nove por cento da raça humana da realização do Ser. Por que? Porque é precisamente por causa do desejo pelos resultados das suas ações que as pessoas executam ações. Um buscador da liberação, no entanto, compreendeu e aceitou o fato doloroso de que os resultados de uma ação não apagam permanentemente o seu senso de inadequação, incompletude e limitação. Por que? Porque eles são condicionados pelo tempo. O não-apego deve surgir desse entendimento, não do desespero. É comum as pessoas se tornarem negativas quando percebem que conseguir o que querem e evitar o que não

querem, não resolve a questão da felicidade. Uma pessoa discriminativa ficará satisfeita ao descobrir que os resultados das ações (o que acontece na vida dele ou dela) não são permanentemente satisfatórios. Por que? Porque isso a libera da sua compulsão por agir e permite atividades criativas e espontâneas que não são orientadas por objetivos. E libera a mente para buscar a felicidade no Ser.

(3) Controle da mente e dos sentidos (*sama e dama*)

A força de vontade é útil mas não o suficiente para controlar uma mente inquieta. Controle mental significa que uma pessoa não cede aos medos e desejos que surgem na mente, mas vive de acordo com um princípio superior. Ao subordinar-se a um princípio superior, a mente se torna calma.

(4) Observação rigorosa da sua obrigação (*uparama*)

Obrigação é um princípio mais alto do que a ação motivada pelo desejo, baseada numa crença em direitos. Quando alguém cumpre o seu dever em relação a si mesmo, sua família, comunidade e religião, a mente fica sob controle.

(5) Tolerância (*titiksha*)

Ater-se ao seu caminho escolhido com um estado de espírito alegre, não importando quais são os obstáculos encontrados, é chamado de titiksha.

(6) Fé (*shraddha*)

Fé é a crença de que o que a escritura e o professor dizem é verdade.

Fé não é uma crença cega. Ao contrário, deve-se refletir e analisar de maneira independente o que está sendo ensinado, para ver se isso concorda com o senso comum e a razão. Fé é a crença de que uma tentativa honesta de questionamento vai levar ao entendimento.

(7) Mente Direcionada para um Único Foco (*samadhana*)

Mente Direcionada para um Único Foco é a habilidade de manter a mente absorvida numa linha de pensamento específica, num tópico determinado.

Todos possuem a habilidade de se concentrar em coisas que particularmente os interessa. O estudante da realidade mantém a sua mente constantemente

trabalhando, refletindo nos ensinamentos do Vedanta.

(8) Desejo ardente pela liberação (mumukshutva)

Um desejo ardente pela liberação significa que a pessoa descarta a possibilidade de que qualquer coisa que possa acontecer na vida, possa fazê-la permanentemente feliz. Como resultado todo o desejo que anteriormente foi direcionado para fazer o mundo funcionar, agora se direciona para a busca do Ser. Se esse fator estiver operando de maneira intensa, todas as outras qualidades se desenvolvem rapidamente. E em contra partida, uma pessoa discriminativa, desapegada, com uma mente clara, não vai realizar o Ser a não ser que desenvolva um interesse duradouro por isso.

Estas são as qualificações para fazer uma investigação discriminativa no Ser. Nenhum outro fator é necessário.

Investigação no Ser

O texto agora discute a natureza da investigação (discriminação) que leva à verdade do seu Ser.

Apenas o Ser é real. Todo o resto é irreal. Essa é a convicção firme do investigador e é chamado de investigação.

O SER

É aquilo que permanece imutável no passado, presente e futuro. Ele existe antes e depois do tempo. Ele permeia e transcende todos os estados de consciência. É chamado de satyam, aquilo que é.

Aquilo que não existe, como os chifres de um peixe, é chamado de asat, irrealidade.

Aquilo que existe mas sofre mudança é chamado de mithya, realidade aparente. Todas as coisas nos mundos subjetivo e objetivo mudam.

Toda a existência pode ser dividida em duas categorias: (1) o “Eu” que é chamado de aham e (2) o resto do mundo que é chamado “Isso” (idam).

Devido à ignorância sobre a natureza do Ser, um ser humano está sempre identificado com o que é mutante e aparente: o corpo, as emoções ou o

intelecto. A crença de que eu sou meu corpo, sentimentos ou pensamentos, constitui uma falsa noção do Ser. Isso é chamado de ego.

Se uma pessoa puder claramente distinguir o Ser do aparente e mutante “não Ser,” o “não Ser” pode ser negado como identidade principal e o Ser real pode ser reconhecido e apreciado. A investigação da natureza real do indivíduo através de primeiramente identificar o que é “não eu” (anatma) e subseqüentemente afirmar que ele é o Ser imutável, é chamado de investigação (tattva viveka). A forma de fazer isso é compreender que aquilo que alguém conhece sobre si mesmo é diferente daquele que conhece.

A análise que segue mostra como o “Eu”, aquele que conhece, é diferente do corpo com o qual está falsamente identificado.

O INDIVÍDUO

O que são os três corpos (*sharira traya*)?

O Ser está aparentemente vestido de três corpos e desfruta de três estados correspondentes. O corpo do alimento é chamado de Corpo Bruto (*sthula sharira*). Os sistemas psicológicos, as emoções, o intelecto e a auto imagem (ego) são chamados de Corpo Sutil. As sementes das experiências passadas do indivíduo são chamadas de Corpo Causal, porque elas causam seu pensamento, sentimentos e ações.

Os corpos Bruto, Sutil e Causal são testemunhados pelo *atman*, o Ser. Se o Ser se identifica com o Corpo Bruto, ele parece ser uma entidade ambulante. Quando se identifica com o Corpo Sutil, parece ser um sonhador ou pensador. Quando se identifica com o Corpo Causal, parece ser aquele que dorme. Esse processo é parecido com o de um ator, fazendo diferentes personagens num drama, ou um cristal límpido que assume a cor de um objeto que está próximo dele. Mas como um ator, o Ser se distingue dos papéis que aparenta assumir. O Ser é portanto chamado de testemunha (*sakshi*) dos três corpos e de seus respectivos estados. O Ser é “Eu” e os corpos são “isso.”

O que é o Corpo Bruto?

É aquilo que é composto dos cinco elementos (*mahabhutas*)... espaço, ar, fogo, água e terra... depois deles terem passado pelo processo de se dividir e combinar (*panchikarana*).

Nasce como resultado de ações meritórias do passado e é o veículo através do qual alguém ganha experiência no mundo. Nasce, cresce, se sustenta, decai e finalmente morre.

O que é o Corpo Sutil?

É composto dos aspectos sutis dos cinco elementos (*tanmatras*), antes

que eles passem pelo processo de se dividir e recombinar. É um resultado de boas ações no passado e um instrumento para experiências sutis. É constituído de dezessete partes: os cinco sentidos perceptivos (jnanendriyas), os cinco órgãos de ação (karmendriyas), os cinco ares vitais: respiração (prana), evacuação (apana), circulação (vyana), digestão e assimilação (samana) e o poder do corpo de rejeitar objetos indesejados (udana). Udana também é ativado no momento da morte e é responsável por expelir o Corpo Sutil do Corpo Bruto. O Corpo Sutil também contém a mente e o intelecto.

A mente (manas) é a localização psíquica dos sentimentos, emoções e humores do indivíduo. O intelecto (buddhi) é a faculdade de decisão e a fonte do sentido do ego, do fazedor de ações (ahamkara). O Ser identificado com o intelecto resulta no sentido de “Eu sou um fazedor. Eu sou um conhecedor.” A mente e o intelecto são dois aspectos funcionais do Corpo Sutil. Quando o Corpo Sutil está sentindo-se volitivo, emocional ou vacilante, é chamado de mente. Quando está envolvido no aspecto cognitivo de determinar, decidir ou discriminar, é chamado de intelecto.

O Corpo Bruto, o envoltório material externo, é mantido vivo pelo Corpo Sutil que opera os órgãos da percepção e ação e os pranas, os sistemas fisiológicos. Quando o Corpo Bruto morre, o corpo Sutil o deixa. O Corpo Sutil varia de uma pessoa para a outra. A identificação do Ser com o aspecto emocional do Corpo Sutil resulta em sentimentos como: “Eu estou feliz. Eu estou infeliz. Eu estou bravo.” Etc.

Os órgãos da percepção são chamados de jnana indriyas, órgãos de conhecimento. Eles são olhos, ouvidos, nariz, língua e pele. Os elementos que fazem surgir os órgãos perceptivos são os seguintes: Espaço para o ouvido. Ar para a pele. Fogo (luz) para os olhos. Água para o paladar e Terra para o nariz.

O campo de experiência para o ouvido é o espaço, que faz com que o som seja possível. O campo de experiência para a pele é o ar, que faz com que o toque seja possível. Fogo (luz) faz com que a percepção da forma seja possível. Percepção das formas é função dos olhos. A língua funciona porque a água faz com que o gosto seja possível. O propósito do nariz é a cognição dos elementos da terra.

Os órgãos da ação são chamados karma indriyas. Eles são: fala, mãos, pernas, anus e genitais. O elemento responsável pela fala é o fogo. Para as mãos, ar. Para os pés, espaço. Para o ânus, terra e para os genitais, água.

O que é a mente? (antahkarana)

A mente recebe o estímulo dos sentidos perceptivos e unifica ou assimila a informação em uma experiência. A mente é pensamento. Pensamentos podem ser divididos em quatro categorias baseadas em suas funções. Quando a mente está num estado volitivo, vacilante ou em dúvida, ela é chamada manas, emoção. Quando a mente está envolvida na análise de uma situação, com a ideia de determinar,

discriminar ou julgar, é chamada de buddhi, intelecto. Quando a mente se considera como sendo autora da ação, ou quem desfruta do prazer ou da dor, é chamada de ego ou ahamkara. A parte da mente que se lembra de memórias e guarda impressões subconscientes é chamada de chitta. A mente responde no modo que for apropriado às situações que ocorrem na vida. É uma outra forma de conceber do Corpo Sutil.

O que é o Corpo Causal?

***Aquilo que é inexplicável (anirvachaniya)
e sem começo (anaadi).
É livre de divisão e é
a fonte da ignorância do Ser.
É a causa dos Corpos Sutil e Grosseiro.
É chamado de karana sharira.***

Se nós somos inteiros e completos, puros e perfeitos por natureza, não existe razão para entrar num corpo para experienciar o mundo, já que o mundo é simplesmente um lugar para acumular experiência cujo objetivo é remover o sentimento universal de incompletude. O verso diz que a ignorância que causa o nosso nascimento é inexplicável. Isso significa que ela é anterior à formação do Corpo Sutil (a mente) e portanto não pode ser racionalmente explicada.

Sono é identificação com o Corpo Causal. Em sono profundo, todos experienciam uma felicidade ilimitada ou êxtase (ananda), que é resultado de uma ausência de identificação com o corpo e a mente. Durante esse estado, o indivíduo está livre das dualidades criadas pelos Corpos Bruto e Sutil e portanto esse estado é desprovido de qualificações (*nirvikalpa*) Durante esse estado, nós somos completamente ignorantes de tudo; não experienciamos nada em particular. O Corpo Causal é inexplicável porque o estado de ignorância não é nem real - que significa dizer, existente – nem irreal - significando que não pode-se dizer que não exista. A ignorância que o produz é oposta ao conhecimento do Ser e é chamada *avidyarupam*. A ignorância do Ser real resulta na identificação com os Corpos Bruto e Sutil e a noção equivocada de que alguém é incompleto e inadequado... já que os corpos são limitados.

A experiência do Êxtase

O Corpo Causal é responsável pelo êxtase que um indivíduo sente no estado desperto. Existem três energias sutis (*vrittis*) que operam nele. A primeira é *priya vritti*. É a alegria sentida ao pensar num objeto que se gosta. *Moda vritti* é a alegria sentida quando o objeto de desejo de alguém está prestes a ser possuído. *Pramoda vritti* é a alegria de experienciar o objeto desejado.

O que são os cinco Envoltórios? (*pancha koshas*)

A palavra “envoltório” (*kosha*) não indica uma cobertura verdadeira, porque o Ser onipresente não pode ser escondido por matéria grossa ou sutil. Um

“envoltório” deve ser compreendido como um erro universal decorrente da ignorância do Ser e resulta em uma identificação com algum aspecto de um dos três corpos. Os cinco envoltórios são simplesmente uma maneira diferente de descrever os Corpos Bruto, Sutil e Causal.

O primeiro envoltório, ou cobertura do Ser, é o corpo. Ele é composto de comida e é chamado envoltório de comida (annamaya kosha). O segundo envoltório é constituído pelas funções fisiológicas do corpo: Digestão, respiração, absorção, circulação e excreção. Isso é chamado de envoltório de energia (pranamaya kosha).

O terceiro envoltório é feito de projeções emocionais, humores e sentimentos. É chamado de envoltório da mente (manomaya kosha). Intelecto, a faculdade através da qual alguém está consciente de seu conhecimento e de suas realizações, é o quarto envoltório e é conhecido como vijñanamaya kosha.

No estado de vigília, um indivíduo está consciente de certas coisas e ignorante de outras. No estado de sono profundo, todos os indivíduos experienciam o estado de êxtase. Pelo fato da mente e do intelecto não estarem funcionando, em sono profundo não existem problemas. O estado de sono profundo é chamado de anandamaya kosha.

O fato de que o “Eu” está consciente dos cinco envoltórios significa que ele não pode ser nenhum deles.

Assim como as posses materiais de uma pessoa são diferentes dela, o Ser não tem conexão com os três corpos ou cinco envoltórios. Aquele que conhece sempre é diferente daquilo que é conhecido. Portanto é dito que o Ser, aquele que conhece, está “além dos corpos e dos envoltórios” (*panchakoshatita*).

Os Três Estados (*avasha traya*)

Os três estados da experiência são a vigília, sonho e sono profundo e correspondem aos três corpos.

O que é o estado de vigília? (*jagat avastha*)

O estado de experiência no qual os objetos dos sentidos são percebidos através dos órgãos dos sentidos, é o estado de vigília. Quando o Ser se identifica com o corpo Bruto, é chamado vishwa, o acordado (the waker). Os corpos sutil e causal também estão funcionando no estado desperto.

O que é o estado do sonho? (*swapna avastha*)

O estado do sonho é o mundo projetado pelo Corpo Sutil no estado dormente, a partir de impressões (*vasanas*) acumulados no estado de vigília. Quando o Ser se identifica com o Corpo Sutil é chamado de taijasa, o brilhante. É um estado luminoso com pensamento e sentimento, mas não tem realidade objetiva.

O que é o estado de sono profundo? (sushupti avastha)

Esse estado sobre o qual o indivíduo diz mais tarde “Eu não sabia de nada. Eu desfrutei do ilimitado.” É o estado de sono profundo. O Ser identificado com o corpo Causal é chamado de prajna.

Prajna significa “quase ignorante.” Ainda que o Corpo Sutil seja ausente e portanto nenhum conhecimento esteja disponível no estado de sono, o Ser, consciência, está presente e portanto é “quase ignorante.” Nos estados desperto e de sonho, nós adquirimos experiências distintas, mas a experiência no sono profundo é universal. Nós não estamos cientes de nada porque a mente, o instrumento do conhecimento, está ausente. Nós também somos livres de limitação no sono profundo. Liberdade de limitação é êxtase. É por isso que as pessoas estimam o sono. O Ser, consciência, no entanto está presente no sono profundo, de forma que quando o adormecido se torna o acordado, a memória da experiência do sono não desaparece.

O SER (ATMA)

Os três estados de consciência relacionados ao indivíduo foram descritos. Pela descrição, fica claro que é dado ao Ser um nome diferente em cada estado, porque ele está identificado com um “corpo” diferente. No entanto, o Ser é sempre o mesmo e sempre presente em cada estado. É o conhecedor dos estados e é portanto chamado sakshi ou a testemunha.

Não é suficiente saber o que o Ser não é. Para ter consciência disso diretamente e reter o conhecimento, o buscador necessita saber o que isso é. O texto agora explica o que é o Ser. Ainda que se ouça comumente que o Ser não pode ser conhecido com segurança, já que é a única coisa que é sempre existente, sempre presente e nunca muda. Os objetos, sutis e grosseiros que uma pessoa conhece, desfrutam de uma condição ontológica e peculiar: eles não são nem reais nem irrealis. Qualquer conhecimento deles está sujeito a erro e correção porque eles nunca permanecem os mesmos.

A Natureza do Ser (satchitananda swarupa).

Se o Ser não é nem os cinco envoltórios nem os três corpos, então o que ele é? É a consciência deles. Essa consciência é chamada chit. Por causa de chit, as coisas são conhecidas. Portanto ele é chamado de aquele que conhece.

O Ser não muda quando os três corpos e seus respectivos estados mudam. Está além do tempo e portanto é chamado de “aquilo que sempre existe (sat).”

As limitações sofridas pelos corpos não afetam o Ser. Ele é ilimitado. É auto-radiante, vê o espaço como um objeto interno e permeia cada átomo do cosmos. É ilimitado e completo (purna). É um todo sem partes.

É a natureza de cada coisa viva e não viva, mas não é conhecido porque

toda a nossa atenção está envolvida em (1) tentar afastar a morte - a morte no entanto, não é uma questão para o Ser e tentativas de impedi-la demonstram falta de discriminação- ; (2) Tentar obter a liberdade de um senso de limitação percebido. Esse empreendimento é fútil porque o Ser já é completo. Os problemas aparentes dos quais os humanos sofrem originam-se de uma identificação desnecessária com aquilo que muda; (3) Tentar apagar a ignorância através da busca por conhecimento objetivo. O Ser, no entanto, está além do conhecimento e da ignorância. É aquilo que causa que eu saiba o que sei e saiba o que eu não sei.

O tempo é uma projeção da mente, um conceito relativo, não absoluto. A identificação com o tempo causa preocupação sobre o nascimento e a morte. Que ele é relativo é provado pela experiência comum de que quando alguém está se divertindo, o tempo parece se mover muito rapidamente, mas quando alguém está sofrendo, o tempo parece se mover muito devagar. Ou o fato de que aquilo que faz uma criança feliz perde o seu valor na vida adulta. O Ser é atemporal ou eterno. Felicidade como é definida pelos seres humanos é meramente um estado mental temporário.

A felicidade real acontece quando o indivíduo sabe que é o Ser. Objetos não podem fornecer felicidade. No estado de sono profundo, não existem objetos, nem corpos ou mente, no entanto o indivíduo experiencia êxtase ilimitado, o Ser.

O Universo (*jagat*)

O que é o cosmos e como ele evoluiu?

Nós vamos agora explicar o cosmos e a evolução dos princípios cósmicos.

O universo que nasce de *Maya* depende do Ser, consciência, para existir. Essa consciência é chamada *Brahman* e é idêntica ao *Atman*, o Ser. A palavra "*Brahman*" significa infinito ou ilimitado.

Então surge a pergunta: como o mundo objetivo, que é finito, surge do infinito? Porque o infinito não pode se transformar em finito, a presença de uma realidade temporal apresenta um problema.

MAYA

Um objeto criado pode vir a existir como uma mudança ou como uma modificação da substância a partir da qual foi feita, ou por erro que confunde a substância real com outra coisa.

Um exemplo do primeiro tipo de criação seria um pote que foi criado a partir de um monte de argila.

Para compreender a criação a partir de um erro na percepção, considere essa situação: No crepúsculo, uma viajante sedenta aproxima-se de um poço de um vilarejo. Tentando alcançar a água, ela recua amedrontada quando vê uma grande cobra enrolada próximo ao balde. Incapaz de mover-se por

causa do medo de ser mordida, ela imagina coisas terríveis, incluindo a sua própria morte. Naquele momento, um senhor vindo em direção ao poço a percebe, parada ali, petrificada de medo.

"Qual é o problema?" ele pergunta gentilmente.

"Cobra! Cobra! Pegue um pau antes que ela ataque!" ela sussurrou freneticamente.

O senhor explodiu em risadas. "Hei!" ele disse, "Tenha calma. Isso não é uma cobra. É a corda do poço que está enrolada. Apenas se parece com uma cobra no escuro."

Nesse caso a cobra foi criada pela ignorância da mulher a respeito da corda. Esse poder de projeção é universal e se aplica momento a momento a quase tudo o que é experienciado. É a causa da maior parte dos conflitos sociais. O processo de auto investigação basicamente implica em tornar-se consciente das suas projeções e descartar a parte do Ser que as produz: a mente.

Quem ou o Que é Deus?

O poder através do qual o Ser aparenta ser o corpo e a mente é chamado de *maya*. Pelo fato de essa ser uma realidade não dualista, composta apenas de consciência ilimitada... o Ser... esse poder reside no Ser. Quando o Ser opera esse poder e produz a realidade experienciável e aparente que nós chamamos de mundo, é chamado de Deus, o criador (*Ishwara*). Quando ele se identifica com os três corpos, é chamado de indivíduo (*jiva*).

Essencialmente o indivíduo e Deus são o mesmo, mas também existe uma diferença. O indivíduo está sob o controle de *maya* e pode apenas criar um mundo pessoal a partir de seus pensamentos, mas Deus controla *maya* e cria o mundo material.

Enquanto o indivíduo se sentir separado de tudo, ele sofre. Como alguém pode perceber a sua identidade com Deus, o todo? O indivíduo possui tanto o corpo sutil quanto o corpo bruto. Enquanto o corpo bruto absorve a consciência, como um muro de tijolos absorve a luz, o Corpo Sutil é reflexivo e o Ser pode ser percebido nele.

Ou através da contemplação sobre a localização dos objetos. Um homem está em pé, de frente a uma árvore. Onde ele experiencia a árvore? A experiência acontece fora do corpo dele, na árvore? Não. Ela acontece na sua consciência. Quão longe está a árvore da consciência? Existe um espaço entre elas? Não existe. A consciência toma a forma da árvore e a experiencia. Portanto tudo o que é experienciado não é nada além de consciência. Se Deus é o universo e o universo é experienciado na consciência, então Deus está na consciência e não separado da consciência. Se o "Eu" é consciência, então o "Eu" não é separado de Deus.

Maya é a causa (*karana*) do efeito (*karya*) conhecido como criação. A criação de qualquer objeto sempre envolve três aspectos: conhecimento (*jnana*) que surge do princípio da luz, *sattva*, atividade (*kriya*) que surge do princípio ativo ou energético, *rajas*, e matéria inerte (*jada*) que surge do princípio da inércia, *tamas*. *Sattva*, *rajas* e *tamas* são chamados de *gunas*. *Gunas* significa cordas. São chamados de cordas porque a identificação com eles prende o indivíduo ao mundo. *Maya* e a criação dependem do Ser, mas o Ser é sempre livre deles.

Criação

Duas causas são necessárias para qualquer criação intencional: uma causa eficaz (*nimitta karana*) e uma substância material (*upadana karana*). Quando um pote é criado, a mente do ceramista e a ideia contida nela são a causa eficaz e a argila é a causa material. A causa eficaz precisa ter o conhecimento necessário, inteligência e poder para criar.

Com respeito à criação do universo, pode parecer que o criador criou o mundo a partir da matéria. Mas quem criou a matéria? É parecido com uma aranha que é tanto a substância da sua teia quanto a inteligência que a formata.

Os Elementos

A próxima seção do texto descreve o processo da evolução, tanto dos elementos sutis quanto grosseiros que constituem o universo. Os objetos sutis evoluem a partir dos elementos, antes de sua divisão e recombinação. Os elementos evoluíram a partir de Maya, que por sua vez é o poder de Brahman, o Ser. Portanto o Ser é a substância fundamental a partir da qual o universo de matéria grosseira e sutil (energia) é feito.

A descrição longa e complicada no texto descrevendo a criação dos elementos, não se relaciona diretamente ao sujeito da investigação do Ser, na medida em que o conhecimento da maneira pela qual os objetos são formados não é útil na prática da investigação. Portanto eu decidi não incluí-la. A criação sempre está presente na forma do corpo e da mente do indivíduo e ele ou ela precisa apenas remover a sua identificação com as sensações, pensamentos e sentimentos que surgem na mente, para tomar consciência do Ser. O Vedanta não aconselha a remoção do pensamento... apenas da identificação do Ser com o pensamento.

O espaço transcende tudo o que está nele. Portanto quando alguém move um objeto de um lado a outro, ele não precisa mover o espaço que o objeto ocupa. De forma similar, a consciência ou Atman está em todo lugar. O Corpo Sutil está sempre banhado em consciência. Ele brilha com consciência quando está livre de agitação e de embotamento. Se o indivíduo medita sobre a mente nessas condições, ele pode ver facilmente o reflexo perfeito do Ser. Conforme alguém medita sobre o Ser na mente, ele deve pensar claramente sobre o que ele é e como se relaciona com os Corpos Sutil e Bruto, mantendo na mente o tempo todo que o que está experienciando não é nada diferente do que o seu próprio Ser... ainda que possa parecer. O propósito de todos os ensinamentos Vedatinos é ajudar o indivíduo a ter consciência da sua identidade como o Ser. Essa identidade está contida no mantra: "tat tvam asi" que significa "aquilo (consciência) é você."

Ler escrituras não vai resultar na realização do Ser, porque as escrituras, como a vida, são cheias de paradoxos. O paradoxo sutil do indivíduo e do todo pode ser removido com a ajuda de um professor que tenha o entendimento adequado e a habilidade de comunicar isso, de acordo com a metodologia básica de ensino. Ao contrário do Yoga, Vedanta não é um sistema de práticas para fazedores. É revelação através de paradoxos.

O que é uma pessoa Auto-realizada? (*jivanmukta*)

Alguém que tenha: (1) tomado consciência de que o Ser é ilimitado; (2) de que o Ser e o mundo não são diferentes e (3) que aquele que possui a visão é o Ser, não um indivíduo separado.

A própria ideia de uma pessoa Auto-realizada é na verdade contrária aos altos ensinamentos do Vedanta. Por que? Porque essa é uma realidade não dualista. Em uma realidade não dualista não existem dois (ou muitos) seres. “Pessoa” é um conceito que significa que o Ser ilimitado está limitado a um corpo e uma mente específicos. Auto-realização acontece quando o Ser, que tem sofrido por um senso de aparente limitação, remove a noção de que é uma pessoa.

No entanto, esse texto é escrito para aqueles que estão presos na teia da dualidade e pensam em si mesmos como “pessoas”, então o texto explica a Auto-realização em termos de uma identidade limitada. Um “jivanmukta” é alguém que “é livre ainda vivo.” O indivíduo não pode na verdade “ser liberado” (porque já é livre), a não ser que a liberação ou a iluminação seja vista como uma remoção da ignorância do Ser.

Liberação, iluminação, Auto-realização são a convicção inabalável de que o indivíduo é livre de forma e puro como o espaço. É a compreensão (firme/sólida e imediata) de que o Ser é livre de tudo (asanga) e auto luminoso (prakasa svarupa). Aquele que se liberou é como uma onda que se conscientizou que não está separada do oceano. Ele ou ela não parece ser diferente de outros seres humanos. Ele ou ela não se sente inclinado a desenvolver uma identidade como um ser iluminado, no intuito de impressionar os outros. Seu corpo físico continua enquanto o momentum das ações passadas ainda estiver em vigor (prarabdha karma). Ele ou ela não fazem ações com um senso de “fazedores” e são despreocupados quanto aos resultados das ações.

Que tipo de conhecimento é conhecimento do Ser?

O conhecimento do Ser é conhecimento imediato (aparoksha jnana).

Conhecimento é obtido de três formas:

- (1) através da percepção direta vinda dos órgãos dos sentidos (*pratyaksha*);
- (2) indiretamente, através de conclusão quando o objeto de conhecimento está distante de quem o percebe (*anumana*);
- (3) e imediato (*aparoksha*). Conhecimento imediato é conhecimento de algo que está presente mas é desconhecido.

O Ser é sempre presente. Sem ele, nada pode ser experienciado ou conhecido. O conhecimento do Ser é “Eu sou o Ser ilimitado”, e não “Eu conheço ou experiencio o Ser.” Se o conhecimento de alguém equivale à declaração “Eu estou experienciando o Ser”, ele deve continuar a investigar.

O que é Karma?

O indivíduo (*jiva*) não tem começo porque nasce da ignorância que não tem começo. Durante a sua existência, ele assume formas diferentes e passa por incontáveis nascimentos e mortes. Quando em forma humana, faz boas ou más ações (*karmas*), com um sentido de autor das ações.

O que determina se uma ação é boa ou ruim é o motivo, ao invés da ação em si. A lei do *karma* é a lei de causa e efeito. Cada ação produz um efeito. Cada ação produz um efeito sutil ou invisível, dependendo do motivo. Quando os motivos são nobres, o *karma* é chamado de *punya*. *Punya karma* resulta em experiências felizes nessa vida e na próxima. Quando a motivação é egoísta e prejudicial, o *karma* é chamado de *papa*. *Papa karma* resulta em desgraça tanto nessa vida quanto na próxima.

Quantos tipos de Karma existem?

(1) *agami karma*

As ações que um indivíduo faz intencionalmente, com um sentido de “fazedor” durante a sua existência na forma humana que deixa impressões positivas (*punya*) e negativas (*papa*) no corpo causal e frutificam no futuro, são chamadas de *agami karmas*. Animais não possuem *karmas* porque não existe o sentido de “fazedor” em suas ações. *Agami karma* é destruído pelo Conhecimento “Eu sou Consciência Ilimitada.”

(2) *sanchita karma*

O depósito de *punyas* e *papas* acumulados com o tempo, que ficam aguardando para frutificar numa conta individual karmica é chamado de *sanchita karma*. *Sanchita Karma* é destruído pelo Conhecimento “Eu sou Consciência Ilimitada.”

(3) *prarabdha karma*

Tendo nascido em um corpo, os resultados das ações anteriores que frutificaram nessa vida, que podem ser exauridas apenas através do seu sofrimento ou desfrute, são chamados de *prarabdha*.

O *prarabdha karma* determina a forma que um corpo toma nessa vida e o tipo de ambiente que é mais adequado para que ele seja expresso e processado. Os tipos de *karmas* que estão operando determinam se o ambiente/experiência é agradável ou desagradável. Quando o *prarabdha karma* for exaurido, o corpo morre.

A Lei do *Karma* e os três tipos de *karmas* explicam a variedade e diversidade encontradas na vida humana, assim como a natureza em geral. Algumas pessoas são felizes, outras não. Mesmo na vida animal e vegetal, essas diversidades são evidentes. A causa é a grande diversidade de *Karmas*. Assim como o sonhador se torna livre de todas as ações que ele ou ela fez no sonho ao despertar, a alma realizada é liberada de *sanchita* e *agami karma* quando ele ou ela despertam para o conhecimento “Eu sou consciência inativa inteira, ilimitada e completa.” Mesmo os *prarabdha karmas* que irão frutificar nessa vida não vão afetá-lo.

Assim como um homem que vê a si mesmo num espelho côncavo ou distorcido sabe que é livre das limitações da imagem distorcida, uma alma auto realizada também sabe que não está preso às limitações do corpo e da mente.

Conhecimento é o único meio de se ganhar consciência do ser, assim como o fogo é o único meio de cozinhar a comida. Assim como o combustível, etc.,

são requeridos para acender o fogo, métodos e técnicas são requeridas para preparar a si mesmo para o conhecimento. As técnicas de auto-purificação que resultam no desenvolvimento das qualificações descritas acima são chamadas de Yoga e são explicadas nas escrituras sob o nome de Yoga. As técnicas usadas para se obter conhecimento do Ser são a audição (sraavana), reflexão (manana) e assimilação (nididhasana) e constituem a prática do Vedanta (sadhana).

Para que o conhecimento seja obtido, o indivíduo deve primeiro ouvir o que ele é. Depois de ouvir, ele deve refletir e investigar para ver se o que ele ouviu é verdade. Uma vez que esteja convencido, ele ou ela precisa viver de acordo com a verdade. Se uma pessoa acredita que ele ou ela é limitado, inadequado e incompleto, sua vida nunca será uma fonte de alegria. No entanto, se depois de uma longa contemplação a pessoa aceitar completamente o fato de que é inteiro e completo, a vida será um grande prazer.

Fim

Uma Confissão

por James Swartz

Se o leitor comparar o texto acima com o original em Sânscrito, ele ou ela vai encontrar muitos exemplos onde essa versão não é uma réplica exata do original. Isso não se deve a um erro. A cópia a partir da qual eu estava trabalhando, uma publicação da Chinmaya Mission escrita há uns quarenta anos atrás, continha todos os versos originais, mas a apresentação era tediosa. Portanto eu escolhi interpretar o texto de uma maneira mais atrativa e num formato mais intuitivo e como resultado, combinei e condensei alguns versos. Em grande parte eu me ative aos comentários originais de uma das Swaminis da Chinmaya Mission, mas ocasionalmente adicionei outros exemplos relevantes e explicações que estão bem estabelecidas na tradição do Vedanta.

Uma Justificativa

Como posso justificar algumas modificações no formato original? Esses textos antigos não são sacrossantos? Sim e não. Em primeiro lugar eu não tenho nada a ganhar pessoalmente ao fazer as mudanças. Vedanta é o amor da minha vida precisamente porque sua sabedoria impessoal passou pelo teste do tempo. Infelizmente não existe nenhuma entidade jurídica que goze de um estatuto legal e sábios como funcionários, fundada de forma anônima, que possa eternamente controlar a publicação e distribuição de literatura Vedantina, no intuito de manter a sua pureza. A publicação contínua do Vedanta ao longo dos séculos tem sido conduzida por entendedores dedicados que reconhecem sua importância histórica e espiritual e almas Auto-realizadas que foram transformadas pelo Vedanta e por entusiasmo e

compaixão são motivados a mantê-lo vivo. Infelizmente existem muitos que despertaram fora dessa tradição que não compreendem seu significado mas reconhecem a sua genialidade e sentem que sua sabedoria pode ser melhorada ou “adaptada” aos tempos modernos. Não pode. Seres humanos são seres humanos. O que eles são, sempre serão. Na Índia, há muito tempo atrás alguns grandes pioneiros espirituais descobriram a saída para o problema de ser um ser humano e essa sabedoria tornou-se o Vedanta. Não há necessidade de reinventá-la. Infelizmente, a explosão da busca espiritual ao redor do mundo que tem acontecido nos últimos trinta e cinco anos, produziu muitas pessoas “despertadas” dentre as quais muitas não tiveram tempo de purificar o seu entendimento à altura do alto padrão do Vedanta tradicional. Portanto certo grau de corrupção aconteceu recentemente, o exemplo mais evidente sendo uma difícil e rápida confusão entre os ensinamentos do Yoga e do Vedanta. Yoga é uma disciplina secundária sob o guarda-chuva geral do ensinamento tradicional do Vedanta. Serve para fazedores, e as pessoas que a buscam acreditam - até que a experiência prove que estavam errados - que a iluminação é algum tipo de experiência única de nirvana ou de nirvikalpa samadhi

. No entanto, pelo fato das pessoas serem tão orientadas por experiências, elas são facilmente seduzidas pela visão Yogica e facilmente ignoram o verdadeiro significado do Vedanta, que é: é a ignorância, não a falta de uma experiência permanente do Ser que é responsável pelo senso de limitação que confunde a mente humana.

Tattva Bodha, no entanto, não sofre desse problema. É apenas um texto que estabelece a base para o ensinamento tradicional ao introduzir a linguagem que é usada para remover a ignorância do Ser e revelar o Ser. Seu problema é menos óbvio: a linguagem evoluiu... como acontece... de forma que traduções que serviram a gerações anteriores não funcionam tão bem hoje. Acontece que textos Vedantinos tem sido publicados em Inglês por bem mais de cem anos. O Inglês Vitoriano usado para redigir a primeira onda de traduções, serviu ao seu propósito e não atrai mais o público. Então eu tornei minha missão atualizar o Inglês de algumas das traduções de textos importantes. Me sinto especialmente qualificado para fazer isso, primeiro porque, conforme mencionado acima, meu amor pelo Vedanta é puro. Segundo, eu aprendi nas “internas”, na Índia, de sábios indianos que ainda estavam conectados a essa tradição antiga. Terceiro, porque minha compreensão dos ensinamentos é a base da minha vida; quem eu sou e como eu vivo não está separado dos ensinamentos. E finalmente, eu amo palavras e me mantive atualizado com a natureza mutante do Inglês. Acontece que eu estou em algo porque outros trabalhos que eu atualizei tiveram um impacto profundo na vida das pessoas. Se você é um purista e quer ter certeza de que eu não peguei nenhum atalho, você pode desencavar um original em Sânscrito e compará-lo com a cópia acima. Eu prevejo que você não encontrará nenhuma discrepância séria e que em espírito, ele está igual ao original.

Tradução para o Português: Cristina Di Dário
Revisão: Arlindo Moraes (Nagarjuna Anand)